



## As equipas: comunidades de fé

A atitude humana que melhor pode descrever a atitude de fé é a da confiança. A confiança nos outros implica, ao mesmo tempo, a capacidade de receber algo reconhecendo que não podemos conquistar e produzir tudo o que somos e temos por nós mesmos. Nas equipas estamos a confiar simultaneamente em Deus, que nos orienta e nos leva, e nas pessoas que conosco as formam, que nos ajudam a desvendar a nossa própria vida<sup>1</sup>.

Não se pode viver uma vida com sentido sem fé, sem confiança em alguém. A autoconfiança, o confiar nos outros e na hipótese de encontrarmos soluções para os problemas e mistérios que nos envolvem, é condição essencial para despertar energias, motivar e alimentar a dinâmica da existência humana<sup>2</sup>.

**A vida de Equipa** assenta necessariamente no exercício de um viver colegial (na medida em que isso faz parte dos nossos carismas fundadores): estar reunido em nome de Cristo, conduzirmo-nos espiritual e materialmente, acolhermo-nos nas nossas diferenças, testemunhar o amor de Deus no coração do amor humano<sup>3</sup>.

A fé é um acontecimento sobrenatural na própria pessoa. A sua origem é considerada como dom de Deus, uma iniciativa do seu amor gratuito, mas acontece porque a pessoa está potencialmente aberta à ação de Deus em si (todo o ser humano é potencialmente um crente). Tem um aspeto humano - já que se realiza no espírito incarnado e se concretiza como ato efetivo de verdade, de conhecimento e de certeza e tem uma dimensão divina, pois tem origem no próprio Deus, é oferta, dom gratuito<sup>4</sup>.

Pode ler-se no catecismo da Igreja Católica *“A fé é a resposta do homem a Deus, que a si Se revela e Se oferece, resposta que, ao mesmo tempo, traz uma luz superabundante ao homem que busca o sentido último da sua vida”*.

---

<sup>1</sup> João Manuel Duque. *Ano da Fé*.

<sup>2</sup> Frei Bernardo Domingues *A fé cristã e respetivas implicações*. Frei Bernardo Domingues

<sup>3</sup> ERI. *O exercício da colegialidade nas Equipas de Nossa Senhora*.

<sup>4</sup> Frei Bernardo Domingues, *idem*



E continua: “ *Pela razão, o homem pode conhecer Deus, a partir das suas obras. Mas existe outra ordem de conhecimento, que o homem de modo nenhum pode atingir por suas próprias forças: a da Revelação divina. Por uma vontade absolutamente livre, Deus revela-Se e dá-Se ao homem. E fá-lo revelando o seu mistério, o desígnio benevolente que, desde toda a eternidade, estabeleceu em Cristo, em favor de todos os homens. Revela plenamente o seu desígnio, enviando o seu Filho bem-amado, nosso Senhor Jesus Cristo, e o Espírito Santo*”.

Nas ENS, o que é comum a todos é o nosso batismo a partir do qual o Espírito Santo age em nós. Assim, o Espírito Santo faz-se presente num grupo reunido em nome de Cristo e cujo objetivo é procurá-lo (e encontrá-lo) na nossa vida. Tendo em conta esta presença, não podemos viver em equipa num simples contexto de democracia (direitos e deveres) mas devemos viver numa atitude de fraternidade, de busca de pontos de encontro, de abertura de horizontes e de comunhão.

Continuando com o Catecismo da Igreja Católica, “*A fé é um dom de Deus, uma virtude sobrenatural infundida por Ele. «Para prestar esta adesão da fé, são necessários a prévia e concomitante ajuda da graça divina e os interiores auxílios do Espírito Santo, o qual move e converte o coração para Deus, abre os olhos do entendimento, e dá "a todos a suavidade em aceitar e crer a verdade"*”.

É o Espírito Santo gera a comunhão. Se nas nossas reuniões procurarmos a presença do Espírito, não falharemos. A unidade na comunhão tornar-se-á mais forte para aqueles que estão dispostos a escutar a voz do Espírito e a deixar-se guiar por ela.

Na fé, a inteligência e a vontade humanas cooperam com a graça divina: «*Crer é o ato da inteligência que presta o seu assentimento à verdade divina, por determinação da vontade, movida pela graça de Deus*»<sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Pe. Frank Almeida. *Espiritualidade cristã*.



O Papa, na sua carta apostólica Porta Fidei afirma que *“Professar a fé na Trindade - Pai, Filho e Espírito Santo - equivale a crer num só Deus que é Amor (cf. 1 Jo 4, 8): o Pai, que na plenitude dos tempos enviou seu Filho para a nossa salvação; Jesus Cristo, que redimiu o mundo no mistério da sua morte e ressurreição; o Espírito Santo, que guia a Igreja através dos séculos enquanto aguarda o regresso glorioso do Senhor”*.

Toda a vida cristã se realiza em comunidade. O próprio Deus é comunidade: Pai, Filho e Espírito Santo. Dizia o sr. Dom Manuel Clemente, bispo do Porto, no EI em Brasília, na sua homilia, referindo-se à nossa natureza: *“ existimos a partir de outros - os nossos pais - e só nos realizamos plenamente com os outros, familiar e comunitariamente. Sozinhos, nem nos reconheceríamos a nós próprios, pois a imagem que podemos fazer de nós só reflexamente se alcança: os olhos dos outros são o nosso espelho, as vozes que temos ressoam em eco, a atenção que nos prestamos mutuamente é a atmosfera onde podemos respirar. Também tudo na Sagrada Família é vida em comunhão, com Deus e entre si. Maria recebeu de Deus o Filho a quem transmitiu a humanidade de nós todos, formado no seu seio virginal; José acolheu o mistério imenso numa vida que, não sendo naturalmente sua, soube guardar e conduzir, como sinal humano da paternidade divina, no crescimento e no trabalho. Jesus foi submisso a Maria e a José, crescendo em sabedoria, estatura e graça, sob a natural tutela de sua mãe e do seu pai adotivo; aos quais não deixou de interpelar e fazer também crescer na fé, à medida em que foi manifestando a sua verdadeira condição de Filho de Deus encarnado”*

A fé é a confiança que permite que nos mantenhamos Nele, nas suas promessas e nos seus mandamentos. Manter-se em Deus é abandonar-se a essa certeza e vivê-la: Deus está aqui para mim. Tal é a promessa que Deus nos faz: **Eu estou aqui para ti**.

A fé é ato humano, realizado dentro da liberdade humana, porém não se pode dizer “eu creio” sem que o objeto em que se crê se manifeste ao crente, ou seja, nós temos fé porque Deus, Ele próprio, se revelou e nos mostrou a sua vontade.



Não se tem fé baseado no desejo humano de crer num ser superior a quem se dá o nome de Deus, mas a fé é Graça de Deus. Isso não significa que a fé contraria a razão e a liberdade humanas; porém na fé, a inteligência e a vontade humanas cooperam com a Graça divina. Portanto, crer é um ato da inteligência que ascende à verdade divina, a mando da vontade movida por Deus, através da Graça<sup>6</sup>.

Quando nos lançámos numa caminhada, vamos uma pouco à espreita, um pouco à escuta, um pouco a tentar desvendar o anúncio de Deus nas nossas vidas. A nós também nos aconteceu o mesmo, também nós começamos a caminhar e agora, vendo o caminho, podemos dizer que o que as ENS precisam é do Espírito de Deus, do Espírito da Vida, do Espírito Santo. Precisamos de procurar Cristo em cada reunião, precisamos de conhecer a vontade de Deus. Precisamos de experimentar o encontro com os outros e comungar esse Espírito com todos; precisamos de nos deixar preencher pela Graça.

O teólogo protestante Karl Barth define assim a fé cristã:

*“A fé cristã é o dom do encontro que torna os homens livres para escutar a Palavra da graça, pronunciada por Deus em Jesus Cristo, de maneira tal que eles se atêm às promessas e aos mandamentos dessa Palavra, apesar de tudo, de uma vez por todas, exclusiva e totalmente.”*

A fé é Dom de Deus e resposta do homem, porém essa resposta humana é possível a partir de um ato de confiança naquele em que se crê. Crer é ter confiança, e este é o ato pelo qual a pessoa se abandona à fidelidade de um outro, aceitando as consequências dessa entrega.

A fé é “Dom” “Graça”, ou seja, é a capacidade dada por Deus para que os homens creiam nele.

A fé cristã não é uma ciência nem uma credulidade, mas um certo tipo de sabedoria, um dom de Deus que desabrocha na pessoa, pela livre cooperação desta que leva adesão a Jesus Cristo. Assim receberá energias para o empenhamento lúcido e responsável no serviço pertinente aos outros.

---

<sup>6</sup> Pe. Frank Almeida, idem.



Progressivamente vai abrindo horizontes novos, torna as pessoas mais fraternas e dá coragem para, ponderadamente, correr os riscos necessários<sup>7</sup>.

Há uns versos, num poema da Sophia de Mello Breyner, que dizem: “ Ele deu carne àquilo que sonhámos e a nossa vida abriu-se, iluminada”. Podemos dizer que o sonho dos homens é igual ao sonho de Deus e aquilo que todos procuramos é ousar perseguir esse sonho. Agora, como há 50 anos, quando foi convocado o Concílio Vaticano II. Esse sonho é a Palavra de Deus, o Evangelho, o Seu Verbo, Jesus, a sua vida e a sua prática.

Sabemos que a fé é um ato pessoal e que ninguém poderá professá-la por outro, pois é uma resposta livre do homem à Revelação de Deus. Cada um professa, pessoalmente, a sua fé, porém, não se pode entender a fé como um ato isolado, solitário. Assim, ninguém crê sozinho, até porque, a fé não brota do nada, mas da escuta da Palavra proclamada, ou seja, alguém A anunciou para nós e nós então, livremente, professamos a fé nesta Palavra. Nesse sentido, ninguém dá a fé a si mesmo, mas depende de alguém que acreditou e que anunciou<sup>8</sup>.

A comunidade da equipa pode definir-se como um pôr em comum dos “dons” diversificados e complementares que o Espírito concede a cada um, numa busca comum da verdade e num encontro mais profundo entre nós<sup>9</sup>. É neste sentido que a equipa, no seu conjunto, tem por fim procurar a vontade de Deus, para cada um, para cada casal, para a equipa no seu conjunto e, depois, evidentemente, extravasar para fora.

Ninguém pode acreditar sozinho, tal como ninguém pode viver só. Ninguém se deu a fé a si mesmo, como ninguém a si mesmo se deu a vida. Foi de outrem que o crente recebeu a fé; a outrem a deve transmitir. O nosso amor a Jesus e aos homens impele-nos a falar aos outros da nossa fé. Cada crente é, assim, um elo na grande cadeia dos crentes. Não posso crer sem ser amparado pela fé dos outros, e pela minha fé contribuo também para amparar os outros na fé<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> Frei Bernardo, idem

<sup>8</sup> Pe. Frank Almeida, idem

<sup>9</sup> *O exercício da colegialidade nas Equipas de Nossa Senhora*



Esta maneira de viver a responsabilidade da comunidade traz implícito o anúncio e implica o reconhecimento e o serviço aos outros, o respeito mútuo, a confiança, a abertura e uma comunicação recíproca entre todos: é por isso que, desde a origem, o nosso Movimento instituiu os **casais de ligação**<sup>10</sup>, que, a qualquer nível, todos somos.

A fé é, portanto, dom e tarefa pessoal e eclesial. É comunitária e revela a consciência que é o povo de Deus que está em marcha: o cristão exprime e vive a sua fé em pequenas comunidades, mas vê-as como parcelas do povo de Deus universal. Participa da igreja doméstica e local, mas abre-se aos horizontes do mundo. Porque comunitária, aberta às convicções e vivências diferentes dos outros, não é monolítica, mas antes aceita e estimula que o espírito se manifeste de diversas maneiras, complementares<sup>11</sup>.

Dentro da equipa espera-se que tenhamos em conjunto uma linguagem clara e autêntica que se exprima numa grande caridade e correção fraterna, saibamos que ninguém é o detentor da verdade e, antes de tudo, é o bem comum que conta, pelo que é necessário humildade e altruísmo, e que as diferenças de temperamento e de mentalidade sejam para nós um estímulo para deitar um olhar fraterno sobre “o outro” e para relembrar a unidade na diferença, em comunidade<sup>12</sup>.

É importante que saibamos fazer beneficiar o mundo em que vivemos com as nossas diferenças que se exprimem na riqueza dos nossos dons, das nossas capacidades e da personalidade de cada um.

O Papa Bento XVI, diz que se *“Espera que o testemunho de vida dos crentes cresça na sua credibilidade. Descobrir novamente os conteúdos da fé professada, celebrada, vivida e rezada e refletir sobre o próprio ato com que se crê, é um compromisso que cada crente deve assumir”*<sup>13</sup>.

A Igreja convida as ENS a interrogar-se como podem anunciar Cristo e o seu Evangelho ao casal numa época em que nós temos, simultaneamente, mais

<sup>10</sup> O exercício da colegialidade nas Equipas de Nossa Senhora

<sup>11</sup> Frei Bernardo, idem.

<sup>12</sup> O exercício da colegialidade nas Equipas de Nossa Senhora

<sup>13</sup> Bento XVI. *Porta Fidei*



consciência de fazer parte de uma humanidade única e, por outro lado, atravessada pelo pluralismo das línguas, das culturas e das nações.

Se o Evangelho quer ser entendido pelo casal em todas as culturas, precisa de ser refletido na diversidade de todos, reunidos numa mesma busca de unidade, e a colaboração que se espera de nós, ENS, no plano da evangelização, é essa reflexão mas, mais ainda, um testemunho claro e coerente das nossas convicções.

Continua o Papa, na Porta Fidei: *“Devemos readquirir o gosto de nos alimentarmos da Palavra de Deus, transmitida fielmente pela Igreja, e do Pão da vida, oferecidos como sustento de quantos são seus discípulos.*

*Por sua vez, o professar com a boca indica que a fé implica um testemunho e um compromisso públicos. O cristão não pode jamais pensar que o crer seja um facto privado. A fé é decidir estar com o Senhor, para viver com Ele. E este «estar com Ele» introduz na compreensão das razões pelas quais se acredita. A fé, precisamente porque é um ato da liberdade, exige também assumir a responsabilidade social daquilo que se acredita”.*

Uma realidade que não dá frutos *“para os outros”* e que trabalha somente para si, é inútil. Se a nossa equipa se ocupa apenas de si própria, esquece que está ao serviço de algo maior: **ser uma janela da qual se vê DEUS**, ser um espaço aberto onde aparece a Palavra de Deus e onde ela se torna presente na realidade da vida<sup>14</sup>. Por isso é tão importante as equipas abrirem-se.

Primeiro, os seus membros para o mundo, secular e eclesial e, ao mesmo tempo, a equipa abrir-se às outras equipas. Se acreditamos no que significam as ENS, não podemos deixar de querer crescer em conjunto e não podemos cortar essa possibilidade de crescimento.

A fé em Jesus Cristo configura o crente àquele em quem crê e conduz, necessariamente, a assumir as opções de Jesus, movido pelo mesmo amor com que Ele amou a humanidade e se entregou<sup>15</sup>. É fazer a experiência do

<sup>14</sup> *O exercício da colegialidade nas Equipas de Nossa Senhora*

<sup>15</sup> Pe. Frank Almeida, idem



abandono e então deixar-se conduzir pela mesma solidariedade com os outros como Ele ensinou, não só com as palavras, mas com gestos concretos, sendo presença salvadora na vida daqueles que com Ele se encontrou.

Uma característica importante das Equipas de Nossa Senhora é o sentido do serviço: na linguagem do Novo Testamento, é claro que Jesus não privilegia a autoridade mas insiste no sentido do serviço. E Ele bem nos deu este exemplo. Daqui, resulta o princípio “de igualdade” entre todos. É por isso que nós, nas Equipas, não falamos de “poder” mas de “serviço”<sup>16</sup>.

Houve um tempo que nós tínhamos muitos serviços para distribuir. Na nossa equipa não havia “desempregados”: uns eram casais de ligação, outros casais piloto, outros responsáveis de alguma coisa. Lembro-me de uma vez, um dos casais terminar o seu serviço como casal RE e nós brincarmos: Temos que arranjar, já, alguma coisa para vocês poderem fazer.

S. Paulo, na sua epístola ao Efésios escrevia: *“Bendito seja Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que do alto dos Céus nos abençoou com toda a espécie de bênçãos espirituais em Cristo. N’Ele nos escolheu, antes da criação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis, na sua presença, no amor”* ( Ef 1, 3-14).

É tranquilizador saber que a presença de Deus é o amor. Ainda mais tranquilizador é saber que todo o amor é presença de Deus. É maravilhoso pensar que, desde antes da criação do mundo, Deus nos tem esperado, por Seu filho, e nos tem amado desde que fomos concebidos e vai continuar a amar-nos depois de partirmos desta terra. Na nossa vida, apressada e stressante, talvez apreciemos este mistério menos do que devíamos.

A renovação da Igreja realiza-se através do testemunho prestado pela vida dos crentes: de facto, os cristãos são chamados a fazer brilhar, com a sua própria vida no mundo, a Palavra de verdade que o Senhor Jesus nos deixou.

Em virtude da fé, esta vida nova plasma toda a existência humana segundo a novidade radical da ressurreição. Na medida da sua livre disponibilidade, os pensamentos e os afetos, a mentalidade e o comportamento do homem vão sendo pouco a pouco purificados e transformados, ao longo de um itinerário

<sup>16</sup> O exercício da colegialidade nas Equipas de Nossa Senhora





jamais completamente terminado nesta vida. A «fé, que atua pelo amor», torna-se um novo critério de entendimento e de ação, que muda toda a vida do homem<sup>17</sup>.

Somos realmente abençoados e podemos operar toda esta maravilha que, para além de acreditar, conhecemos. Como Nossa Senhora, podemos levar Jesus, Deus connosco. Podemos levá-lo a todos, podemos co-operar na história da salvação.

Voltamos à Porta Fidei: *“A fé permite perceber, com um olhar sempre novo, as maravilhas que Deus realiza por nós. Solícita a identificar os sinais dos tempos no hoje da história, a fé obriga cada um de nós a tornar-se sinal vivo da presença do Ressuscitado no mundo. Aquilo de que o mundo tem hoje particular necessidade é o testemunho credível de quantos, iluminados na mente e no coração pela Palavra do Senhor, são capazes de abrir o coração e a mente de muitos outros ao desejo de Deus e da vida verdadeira, aquela que não tem fim”*.

A comunhão abre-se à missão, por isso ela é indispensável para que possamos participar na nova evangelização. Na equipa, a partilha espiritual, sem a qual não poderá haver verdadeira unidade na diferença e complementaridade, procura a comunhão. Isto significa aprofundar sempre mais o encontro entre nós. É preciso procurarmos sem cessar a comunhão (e não a uniformidade). É da complementaridade que nasce a comunhão. Ela não significa nem nivelamento, nem negação do carácter “único” de cada membro. A comunhão é pois uma responsabilidade e uma graça dada por Deus, um dever confiado à guarda de cada um de nós. O seu crescimento não pode deixar de ser o fruto do Espírito e da nossa resposta fiel e generosa ao Senhor<sup>18</sup>.

Sucedem não poucas vezes que os cristãos sintam maior preocupação com as consequências sociais, culturais e políticas da fé do que com a própria fé, considerando esta como um pressuposto óbvio da sua vida diária. Mas todos nos interrogamos sobre o modo mais correto de transmitirmos a fé que nos

---

<sup>17</sup> Bento XVI. *Porta Fidei*

<sup>18</sup> *O exercício da colegialidade nas Equipas de Nossa Senhora*



move, no presente contexto sociocultural, tão profundamente alterado em relação ao que prevalecia décadas atrás.

A Igreja, e o nosso Movimento na Igreja, enfrentam, hoje, imensos desafios que põem à prova a confiança e o entusiasmo dos anunciadores do Evangelho<sup>19</sup>. Não se trata somente de problemas quantitativos, devido ao facto de os cristãos constituírem uma minoria, mas de uma mudança do panorama cultural dominado pelo défice de compromisso, pelo facilitismo, pelo imediatismo. A somar a isto, e como referia o Sr D. Manuel Clemente “ *a uma vida mais concentrada territorial e mentalmente, sucedeu a atual dispersão dos percursos profissionais e pessoais; à integração comunitária de tradições familiares e religiosas, sobrepôs-se uma possibilidade real ou virtual de fazer cada um o seu caminho por necessidade ou gosto, ou a gosto induzido pelo marketing alheio... Entre muitos outros, estes dois fatores levantam uma questão maior ao anúncio evangélico: - Sendo a descoberta do Ressuscitado essencialmente comunitária ou comunitariamente garantida, nas famílias, paróquias e demais agregações cristãs, como havemos de a proporcionar no atual contexto, tão disperso?*

Temos tido, nas nossas equipas, este problema da deslocalização profissional. Ainda não constitui um problema maior, porque sempre se foi arranjando agenda para estarmos, quase sempre, todos juntos, mas é possível que isso venha a acontecer. Num dos casos, o deslocalizado arranjou uma equipa “de reserva” no país onde trabalha, mantendo a de cá. Eventualmente outro dos deslocalizados pode arranjar “ocupação” na paróquia que o vai receber, uma vez que tem, cá, funções paroquiais. As comunidades de hoje terão de ser como dizia o sr D. Manuel, intercomunitárias.

A verdadeira fé não é racional, mas é razoável e leva a um estilo de vida empenhada, coerente, sadia e inovadora, sabendo adaptar-se a situações novas que exigem soluções diferentes em coerência com os valores de Evangelho.

---

<sup>19</sup> O exercício da colegialidade nas Equipas de Nossa Senhora



A fé exige do cristão uma certa dialética: a sua contestação, que culmina na denúncia, tendo em conta os critérios do Evangelho, tem que deixar-se superar pelo anúncio segundo o Espírito. Para a realidade que ele denuncia, tem que trazer um efetivo anúncio. Não se trata de uma solução totalmente feita para o problema ou realidade denunciada. Trata-se, sim, de revelar, pela palavra e por uma coerência constante e empenhada de vida, que há uma esperança suscetível de fazer acreditar que cada situação é objeto da Boa Nova anunciada por Jesus Cristo<sup>20</sup>.

Em equipa, conforta-nos esta segurança de que Jesus está sempre connosco. Conforta-nos estarmos bem acompanhados, conforta-nos saber, em tempos mais ásperos, que vamos ficar bem. Conforta-nos saber que partilhamos a mesma fé. Conforta-nos partilharmos o mesmo conforto. Conforta-nos fazermos o nosso melhor. Como muitas vezes não é isso que fazemos ficamos desconfortáveis e isso é confortante.

Não se pode nivelar a fé às outras formas de conhecimento, pois ela não parte de nenhuma constatação empírica, ou seja, não se prova a fé como se prova que a Terra gira em torno do sol, nem se pode afirmar que se chegou à fé a partir de um esforço intelectual. A sabedoria da fé consiste em abandonar-se confiadamente a Deus, apoiando-se na sua Palavra, como palavra para mim. “Não se crê ‘por causa de’ ou ‘baseado em’, mas é-se despertado para a fé a despeito de tudo”<sup>21</sup>.

«A fé *procura compreender*»: é inerente à fé o desejo do crente de conhecer melhor Aquele em quem acredita, e de compreender melhor o que Ele revela; um conhecimento mais profundo exigirá, por sua vez, uma fé maior e cada vez mais abrasada em amor. A graça da fé abre «os olhos do coração» (Ef 1, 18) para uma inteligência viva dos conteúdos da Revelação, isto é, do conjunto do desígnio de Deus e dos mistérios da fé, da íntima conexão que os liga entre si e com Cristo, centro do mistério revelado. Ora, para «que a compreensão da Revelação seja cada vez mais profunda, o mesmo Espírito Santo aperfeiçoa sem cessar a fé, mediante os seus dons». Assim, conforme o

<sup>20</sup> Frei Bernardo, idem.

<sup>21</sup> Pe. Frank Almeida, idem



dito de Santo Agostinho, «eu creio para compreender e compreendo para crer melhor»<sup>22</sup>.

A oração, quando verdadeira, leva sempre a algum resultado. Pode ser um ato, uma resolução ou uma decisão. Nunca é vácuca. Quando se descobre o caminho da verdadeira oração, não se o quer deixar. Sabemos que é vital, no sentido que “carrega” a vida de Deus para nós. Também é poder estar só com Deus. É a força e a paz interior.

É através da oração que se tenta encontrar o equilíbrio para as diversas atividades: como pais, como casal, como profissionais, como cristãos. Na oração, pedimos-Lhe que não nos afastemos Dele e do caminho que escolheria nas nossas condições. No entanto sabemos que nos afastamos do nosso caminho de instauração do reino de Deus. Provavelmente não estamos suficientemente atentos, levamos uma vida a correr e não meditamos e/ou rezamos o suficiente. A oração é perceber-se como Deus é bom. Também é estarmos abertos a que se levantem questões novas para velhos e repetidos problemas.

Sabemos que é o nosso alimento e é o que queremos que nos conduza.

Na oração, confiamos-Lhe a nossa vida e a dos nossos, e repousamos a nossa confiança, e por vezes a nossa desconfiança, no sentimento de que a graça do nosso Matrimónio, porque a “meias” com o próprio Deus, nos levanta e empurra para a Santidade, conquanto caíamos muitas vezes, desesperemos outras tantas e não vejamos, algumas vezes, mais do que um palmo à frente do nosso nariz. Mas, como escrito em algum sítio “pelo Espírito é que vamos”.

A fé é sempre acolhimento: da Pessoa que Se revela, de Cristo como Palavra do Pai, dessa Palavra como mensagem, dessa Palavra para a ação<sup>23</sup>.

A ação de Deus e o seu efeito são comunmente designados por Graça. O efeito dessa ação divina é descrito, pela revelação, como uma experiência: “ já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim”.

---

<sup>22</sup> Bento XVI. *Porta Fidei*

<sup>23</sup> Frei Bernardo, *idem*



Nós temos um casal novo na nossa equipa. Entrou no princípio do ano passado, à experiência e, integrou-se tão bem, que este ano é o nosso casal responsável de equipa. Há pouco tempo, um deles pôs isto em comum, na reunião:

- Estava eu a ler o texto para o tema de estudo (que era a 1ª reunião deste ano, sobre a espiritualidade) e os níveis de entusiasmo não estavam pelo espetacular. Mas quando cheguei à frase “ já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim”, dispararam e eu pensei: “eh lá! isto é a sério”

Podemos, por vezes, pensar em compararmo-nos com S.Paulo. E vamos sair-nos mal... Mas se pensarmos que Cristo viver em nós significa darmos água a quem tem sede, darmos alimento a quem tem fome, ir visitar doentes ou presos; se pensarmos que tudo o que fizermos ao mais pequenino é a Jesus que o fazemos, então já podemos acreditar que Jesus vive, algumas vezes, em nós.

Nas nossas equipas, já testemunhamos muito bem que foi feito a muito pequenino; no plano espiritual e no plano material e afetivo.

Temos um casal que adotou um filho, a juntar aos três filhos que já tinha, de uma idade que já é difícil que venha a ser adotado. Uma criança que ganhou muito mais que a lotaria. Temos, noutra casal, alguém que pediu o Crisma, já depois de adulto, e que agora é leitor e Ministro extraordinário da comunhão. Alguém, que se considera pessimista e, numa situação de desemprego do casal, dizia que se tinha que confiar, que tudo se resolveria e era ela quem animava todos à sua volta. Alguns de nós são voluntários e catequistas, todos temos serviços.

Algumas destas coisas são comezinhas, mas são feitas ao serviço dos outros, são feitas aos pequeninos. Como pais, como amigos, como profissionais, temos muitas experiências da vida de Cristo em nós.

Não somos santos...mas para lá caminhamos!

Aceitar que Deus (que dá a vida e nos dá para a vida) vive connosco, se revela e nos liberta da morte em Jesus Cristo, é confiar de modo cristão. Ter fé



cristã é, portanto, aceitar que Deus, em Jesus Cristo, nos dá a vida, para além da morte e para além de todas as nossas capacidades de a conquistar. Isso permite uma atitude de confiança que abre à esperança, para além de todo o absurdo aparente. E, ao mesmo tempo, implica o conhecimento de que o único caminho dessa esperança é a caridade, como dádiva de vida ao outro. Ou seja, a fé cristã está sempre ligada às duas outras virtudes teológicas, pois só assim o dinamismo do acolhimento da vida dada por Deus é possível<sup>24</sup>.

Muito obrigado.

M<sup>a</sup> João e Alberto Ranhada

#### Bibliografia utilizada

Almeida, Pe. Frank António. *Espiritualidade cristã*. Escola de teologia

Bento XVI (2012). *Porta Fidei*.

*Catecismo da Igreja católica*

Clemente, D Manuel (25 Julho 2012). *Homilia de S. Tiago*.

Domingues, Frei Bernardo (2012). *A fé cristã e respetivas implicações*

Duque, João Manuel (2012). *Ano da Fé*.

ERI (2002). *O exercício da colegialidade nas Equipas de Nossa Senhora*.

---

<sup>24</sup> João Manuel Duque, *idem*